

Capítulo I

Numa tarde de verão, Mrs. Oedipa Maas voltou a casa depois de uma reunião da Tupperware, cuja anfitriã talvez tenha exagerado o *kirsch* no *fondue*, para descobrir que ela, Oedipa, tinha sido nomeada testamenteiro, ou melhor, testamenteira, de um tal Pierce Inverarity, um magnata de bens imóveis na Califórnia, que em tempos perdeu só de uma vez dois milhões de dólares, por simples prazer, mas que ainda deixara uma herança tão vasta e complicada que a tarefa de a resolver era bem mais do que honorária. Oedipa ficou parada no meio da sala, sob o olhar esverdeado e frio da televisão, invocou o nome de Deus e tentou sentir-se o mais possível embriagada. Mas não resultou. Pensou num quarto de hotel em Mazatlán, em que a porta acabara de se fechar com força, aparentemente para sempre, despertando duzentos pássaros no *hall*; num nascer do sol na encosta sobre a biblioteca da Universidade de Cornell, que ninguém lá dentro vira pois está virada a ocidente; numa melodia seca e melancólica do quarto andamento do Concerto para Orquestra de Bartók; num busto de Jay Gould caído de branco e que Pierce conservava por cima da cama numa prateleira tão estreita que ela vivia com o pavor de que algum dia acabasse por lhes cair em cima. Foi assim que ele morreu, pensou, no meio dos seus sonhos, esmagado pelo único ícone da casa? A ideia fê-la rir com uma gargalhada de desespero. És completamente doida, Oedipa, disse para consigo, ou para as paredes, quem sabe.

A carta era do escritório de advogados Warpe, Wistfull, Kubitscheck & McMingus, de Los Angeles, e vinha assinada por um tal Metzger. Dizia que Pierce morrera na primavera e que acabara de ser

encontrado o seu testamento. Metzger fora designado co-testamenteiro e conselheiro particular em caso de litígio. Oedipa fora também nomeada executora do testamento num codicilo datado de há um ano. Ela tentou lembrar-se, se, nessa altura, teria acontecido qualquer coisa de anormal. Durante o resto da tarde, enquanto ia ao mercado de Kinneret-Among-The-Pines, no centro, comprar *ricotta* e escutar a música ambiente (entrou afastando a cortina de pérolas, quando se ouvia o quarto compasso do concerto para kazoo de Vivaldi numa gravação *variorum* do Fort Wayne Settecento Ensemble, com Boyd Beaver como solista), enquanto depois colhia, debaixo de sol, manjerona e manjerição no seu jardim de ervas, lia a crítica literária no último número da *Scientific American*, preparava uma lasanha, fritava pão de alho, arranjava umas folhas de alface, acendia o forno, e, ao anoitecer, preparava dois *cocktails* de uísque enquanto esperava que o marido, Wendell («Mucho») Maas, regressasse do trabalho, não parava de se interrogar, lembrando uma série confusa de dias passados, todos (não tinha sido ela a primeira a reconhecê-lo?) mais ou menos idênticos, ou todos preparados com subtileza como num baralho de cartas do prestidigitador, em que a carta preparada salta aos seus olhos bem treinados. Foi então que se lembrou que, a meio do programa de Huntley e Brinkley, no ano passado, pelas três da manhã, recebera aquela chamada telefónica interurbana, vinda não sabia de onde (talvez ele tenha deixado um diário), de uma voz com pronúncia marcadamente eslava de um segundo-secretário do Consulado da Transilvânia à procura de um morcego perdido, transformando-se na voz de um negro cómico, passando por um dialeto pachuco agressivo, cheio de *chingas* e *maricones*; para depois ser um oficial da Gestapo que aos berros lhe perguntava se tinha parentes na Alemanha, e por fim a sua voz de Lamont Cranston, aquela com que ele falara durante todo o caminho para Mazatlán.

— Pierce, por favor — conseguiu por fim interromper —, eu pensava que nós tínhamos...

— Mas, Margo — a sua voz era sincera —, acabo de falar com o comissário Weston, e o velho foi assassinado na feira com a mesma espingarda que matou o professor Quackenbush... — ou qualquer coisa do género.

— Por amor de Deus — disse ela. Mucho tinha-se voltado e olhava-a.

— Porque não lhe desligas o telefone? — sugeriu Mucho, de forma acertada.

— Eu ouvi — disse Pierce. — Julgo que é altura de Wendell Maas receber uma visitinha de The Shadow. — Fez-se um silêncio pesado e absoluto. Foi a última voz que lhe ouviu, a de Lamont Cranston. Aquela chamada podia vir não se sabe de onde. A sua ambiguidade, nos meses que se seguiram, transformou-se em recordações: do seu rosto, do seu corpo, dos presentes que lhe dera, coisas que julgava não o ter ouvido dizer. Por fim, chegou quase a esquecê-lo. E a sombra — The Shadow — demorou um ano a aparecer. E agora havia a carta de Metzger. Será que Pierce lhe telefonara no ano passado para lhe falar deste codicilo? Ou ter-se-ia decidido mais tarde, talvez porque ela ficara irritada e por causa da indiferença de Mucho? Ela sentia-se desprotegida, manejada, vencida. Nunca na sua vida se ocupara de um testamento, não sabia por onde começar, ignorava mesmo como dizer a esse escritório de Los Angeles que não sabia por que ponta lhe pegar.

— Mucho, meu amor — exclamou num acesso de desespero.

De regresso a casa, Mucho Maas irrompeu pela porta.

— Hoje foi nova derrota — anunciou.

— Deixa-me que te diga — começou ela.

Mas, primeiro, Mucho.

Era *disc jockey*, trabalhava longe na península e a sua profissão provocava-lhe permanentes crises de consciência. «Não acredito em nada daquilo, Oed», acabava sempre por dizer. «Eu tento, mas realmente não consigo.» Este sentimento era tão profundo que ela não o conseguia entender, o que a fazia entrar quase em pânico. E vê-la prestes a perder o controlo talvez fosse o que lhe dava ânimo para continuar.

— És demasiado sensível. — Sim, também havia tantas coisas que ela poderia ter dito, mas foi o que lhe saiu. De qualquer forma, era verdade. Durante um ano ou dois, ele fora vendedor de carros usados. Supersensível ao que essa profissão significava para as pessoas, as horas de trabalho tornaram-se, para ele, numa verdadeira tortura. Todas as manhãs, Mucho barbeava o lábio superior, três vezes a favor e três vezes contra o pelo para que não restasse suspeita de bigode, utilizava lâminas novas e cortava-se sempre, mas nada mudava; comprava fatos sem chumaços, e ia depois a um al-

faiate mandar estreitar ainda mais as bandas, no cabelo só usava água, penteando-se à Jack Lemmon. O simples olhar para serradura ou mesmo para aparas de lápis fazia-o estremecer, pois as pessoas com a sua profissão tinham a fama de se servir disso para silenciar as caixas de transmissão com problemas; fazia dieta mas não conseguia, como Oedipa, adoçar o café com mel, pois as substâncias viscosas mergulhavam-no em angústia, recordando-lhe de forma penosa aquilo que muitas vezes se junta ao óleo do motor para acabar com as folgas que se produzem entre os *pistons* e as paredes dos cilindros. Uma noite abandonou bruscamente uma festa para que tinha sido convidado porque alguém pronunciou a palavra *cream-puff*, que lhe pareceu uma insinuação. O culpado era um pasteleiro húngaro que falava do seu trabalho. Mas Mucho era assim: toda suscetibilidade.

Contudo, tinha acreditado nos carros. Excessivamente, talvez: e como poderia ter sido diferente, quando via dirigir-se-lhe toda aquela gente ainda mais pobre do que ele, pretos, mexicanos, brancos, uma multidão sete dias por semana, trazendo para troca as carripanas mais inverosímeis: verdadeiros prolongamentos metálicos e motorizados deles próprios, das suas famílias, reflexo do que haviam sido as suas vidas, que eles punham a nu, ali, diante de um estranho como ele, para que as examinasse, chassis amolgados, cheios de ferrugem, guarda-lamas com cores que as tornavam invendáveis e para desencorajar Mucho, e o interior cheirando desesperadamente a crianças, a aguardente dos supermercados, a duas e às vezes três gerações de fumadores de cigarros, ou simplesmente a pó — e, limpo o interior dos carros, era preciso examinar os resíduos destas vidas, e era impossível distinguir entre aquilo que tinha verdadeiramente sido rejeitado (e supunha que por medo se guardava o pouco que aparecia) e aquilo que muito simplesmente (talvez tragicamente) tinha sido perdido: talões agrafados oferecendo descontos de cinco a dez centimos, bilhetes, propaganda de baixas de preços em supermercados, beatas, pentes desdentados, ofertas de empregos, páginas amarelas arrancadas de listas telefônicas, farraços de roupa interior ou de vestidos fora de moda que serviram para desembaciar um para-brisas para que se pudesse ver o que havia para ver, um filme, uma mulher ou um carro que se cobiçava, um chui que talvez o levasse dentro porque não tinha mais nada

para fazer, ninharias, todas elas envoltas invariavelmente, como uma salada de desespero, num condimento cinzento de cinzas, de gases concentrados de escapes, de poeira, de desperdícios humanos — ficava doente só de olhar, mas tinha de olhar. Se tivesse sido um sucateiro propriamente dito talvez resistisse e possivelmente teria feito carreira: a violência causada por cada montão de destroços acontecia de quando em quando e longe dele para ter algo de miraculoso, tal como cada morte, até chegar a nossa, é miraculosa. Este ritual de trocas, semana após semana, nunca arrastava sangue ou violência, e Mucho, demasiado impressionável, não podia suportá-lo por muito tempo. Esta monotonia cinzenta tinha, até certo ponto, acabado por imunizá-lo, mas ele nunca conseguiu habituar-se à maneira como os proprietários, como sombras, vinham trocar uma versão amolgada e caótica deles próprios por uma outra igualmente sem futuro, projeção automóvel de outra existência. Como se fosse a coisa mais natural. Para Mucho era horrível. Um incesto estranho e eterno.

Oedipa não compreendia como ele ainda podia chegar a um tal estado. Quando se casaram, ele já trabalhava há dois anos na estação KCUF e o negócio em segunda mão numa artéria insípida e ululante tinha ficado para trás, tal como a Segunda Guerra Mundial ou a guerra da Coreia para os maridos mais velhos. Talvez lhe tivesse feito bem, sabe Deus, ter ido para a guerra, japoneses nas árvores, os boches nos tanques Tigre, e toda aquela cambada tocando trompetes pela noite fora talvez tivesse sido esquecido mais depressa do que as suas malditas recordações dos carros usados, ainda tão vivas ao fim de cinco anos. Cinco anos. Damos-lhes alento quando acordam alagados em suor ou gritam com pesadelos, sim, ajudamo-los, acalmam-se e, depois, um dia esquecem: ela sabia-o. Quando iria Mucho esquecer? Ela supunha que este lugar de *disc jockey* (que ele conseguira através do diretor de publicidade da KCUF, bom amigo seu, que antes visitava as carripanas uma vez por semana, sendo que dali obtinha patrocínios) fosse uma maneira de largar o Top 200, e mesmo a onda de informação que jorrava da máquina — tudo o que alimenta os sonhos falazes da juventude — era uma espécie de amortecedor entre ele e as carripanas.

Ele acreditara excessivamente no negócio dos carros e nada na estação de rádio. E, no entanto, ao vê-lo, na sala que escurecia,